

IDENTIFICANDO (IN)DEFINITUDE EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)*IDENTIFYING (UN)DEFINITENESS IN MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)**Ana Paula Quadros Gomes¹**Clédson Mendonça Junior²**Guilherme Augusto Duarte Borges³**Thais Gabriela Ramos Figueredo⁴***RESUMO**

A pesquisa formal em semântica de línguas indígenas necessita de eliciações muito bem desenhadas, em que os contextos estejam bem definidos, para que se possa saber qual é a divisão de trabalho entre os itens lexicais e onde eles podem ou não ser adequadamente empregados. Saber mais sobre a gramática de línguas minorizadas põe à prova teorias e universais linguísticos e pode contribuir para empoderar os falantes da língua. Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa inédita sobre o sistema nominal em Mebêngôkre (Macro-Jê). Os dados elicitados seguiram os critérios propostos por Dayal (2026) para investigação de (in)definitude nas línguas naturais, com o objetivo de verificar os parâmetros semânticos de Chierchia (1998, 2021). Os resultados preliminares apontam que a língua Mebêngôkre (Kayapó) não possui marcadores de definitude, mas apresenta uma série especializada em indefinitude. Entretanto, resta compreender a distribuição desses marcadores e se a natureza é evidencial ou epistêmica, como alguns dados sugerem. Espera-se contribuir para os estudos sobre línguas indígenas como protagonistas na reformulação de modelos em semântica e para a valorização da língua. Além da documentação, destaca-se a produção de materiais didáticos voltados às escolas Mebêngôkre presentes no município de São Félix do Xingu, no Pará.

PALAVRAS-CHAVE: (In)definidos. Nominais nus. Parâmetros semânticos. Mebêngôkre (Kayapó). Línguas indígenas.

ABSTRACT

Semantic formal research of indigenous languages needs a very well-designed elicitation, with well-defined contexts, so that one can come to know what the division of labor is between the lexical items, and where they can or cannot be properly used. More knowledge about the grammar of minorized languages puts linguistic theories and universals to test and can contribute to empowering language speakers. This article presents the first results of unprecedented research on the nominal system in Mebêngôkre (Macro-Jê). The elicited data

¹ Doutora em linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Professora na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LEV/FL/UFRJ). Rio de Janeiro-RJ. anaquadrosgomes@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0002-3476-0193>.

² Doutor em Linguística. Professor na Faculdade de Letras e Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). São Félix do Xingu-PA. cmxingu@unifesspa.edu.br, <https://orcid.org/0000-0002-2477-5025>.

³ Doutorando em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro-RJ. guilhermeborges@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-6418-2841>.

⁴ Graduanda em Letras. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro-RJ. thaisgabriela.figueredo@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0009-0006-2354-693X>.

followed the criteria proposed by Dayal (2026) for investigating (in)definiteness in natural languages, with the aim of verifying the semantic parameters of Chierchia (1998, 2021). Preliminary results indicate that the Mebêngôkre (Kayapó) language does not have definiteness markers but presents a series of specialized indefiniteness markers. However, it remains to understand the distribution of these markers and whether their nature is evidential or epistemic, as some data suggest. We hope to contribute for studies on indigenous languages as the protagonists in the revision of models in semantics and for the recognition of the great value of people and their language. In addition to the documentation, the production of teaching materials to be used in Mebêngôkre schools inside the municipality of São Félix do Xingu, Pará, is also included.

KEYWORDS: (In)definites. Bare nominals. Semantic parameters. Mebêngôkre (Kayapó). Indigenous languages.

1. Introdução

Esta pesquisa⁵ está inserida num projeto maior, chamado “A (In)Definitude da perspectiva das línguas sub-representadas”, aprovado em edital Pró-Humanidades do CNPq, chamada 40/2022, número 420314/2022-9; é também parte do trabalho do Grupo de Pesquisa “(In)definitude através das línguas/*(In)definiteness across languages*”, certificado pelo CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6649298354394592>), que estuda a sintaxe-semântica do sintagma nominal em 8 línguas subrepresentadas (6 minoritárias, em vitalização, na linha da semântica formal). A língua Mebêngôkre (Kayapó)⁶ é uma dessas seis. O projeto, liderado por Roberta Pires de Oliveira (UFSC) e supervisionado por Veneta Dayal (Universidade de Yale) e Gennaro Chierchia (Universidade de Harvard), propõe-se a verificar os parâmetros semânticos de Chierchia (1998, 2021) em relação com a (in)definitude, no conceito de escrutínio desenvolvido por Dayal (2004, 2026). Sabendo como se comportam diversas línguas naturais com relação à (in)definitude, será possível verificar se a postulação de parâmetros semânticos captura os fatos e alinhava um modelo teórico para explicar a variação. Assim, espera-se contribuir para o desenvolvimento científico, ao ampliar a cobertura empírica e propor modelos em semântica; além de contribuir para a documentação e vitalização das línguas minoritárias, por meio da elaboração de material didático para ensino dessas línguas; e, por meio da divulgação científica, inspirar a valorização da diversidade linguística.

Em línguas com determinantes, como o Português Brasileiro (PB), a literatura divide o conjunto de determinantes em definidos (*o(s)*, *a(s)*) e indefinidos (*um*, *algum*, *muitos*). Essa divisão de trabalho representa uma diferença na função semântica dos vários determinantes de dada língua. Mesmo os determinantes denominados “quantificadores” são tradicionalmente divididos pelo critério da (in)definitude: *todo* e *cada* são definidos, *qualquer* é indefinido. Os sintagmas nominais definidos são tradicionalmente vistos como fazendo referência a um indivíduo ou grupo de indivíduos particular. Nomes próprios, por exemplo, também chamados de “designadores rígidos”, em geral remetem a

⁵ Agradecemos aos pareceristas pelas revisões solicitadas e recomendações ao texto; todas foram fundamentais para a finalização do artigo.

⁶ Adotaremos o etnônimo Mebêngôkre sem o diacrítico [~] na sílaba inicial para marcar a vogal nasal, visto que, na escrita usual pelo povo em São Félix do Xingu, ele não é utilizado; não havendo, na língua, essa mesma sílaba com vogal oral no início de palavras, a marcação é, portanto, previsível. Quando [mẽ] marca o sentido de uma conjunção aditiva, usa-se o diacrítico para marcar a diferença.

Identificando (in)definitude em Mebêngôkre (Kayapó)

um ser em particular: *Brasil*, *Claudia Cardinale*, *Betinho* têm referências únicas e fixas, bem como descrições definidas como *o país em que nasci*, *minha atriz italiana favorita* e *o meu primeiro amor*. Já os nominais indefinidos podem remeter a mais de uma referência: *um país* pode ser o Brasil ou a Itália, *uma atriz de cinema* pode ser Claudia Cardinale ou Fernanda Montenegro, e *algum amor de infância* pode ser o *crush* daquele ano ou do outro. Uma expressão definida típica tem traços como unicidade e familiaridade, geralmente ausentes de expressões indefinidas. Por exemplo, se alguém chegar à porta de uma sala de aula com 25 alunos, e, sem destacar nenhum com gestos ou olhares, disser ao professor ‘*quero falar com o aluno*’, provavelmente o professor não vai saber a quem chamar: há alguém único com quem se deseja falar, mas não está claro quem seja. Já se o comando for alterado para ‘*quero falar com um aluno*’, qualquer um serve, e basta um aluno sair da sala para o pedido ser atendido. Isso é efeito da unicidade, presente em *o aluno*, mas não em *um aluno*. Quanto à familiaridade, no discurso temos uma marca gramatical para indicar que estamos introduzindo um elemento novo, e outra marca gramatical para indicar que retomamos um elemento já mencionado, ou seja, familiar. Ao começar uma história, seja ela um relato ou ficcional, apresentamos os personagens e objetos com expressões indefinidas: *era uma vez uma menina que usava um capuz vermelho*. Quando falamos novamente dos mesmos seres, usamos expressões definidas, que trazem a ideia de familiaridade: *a menina vestiu o capuz vermelho e saiu*. Outro traço semântico diferenciador de determinantes é a especificidade. Para *um professor trabalha muito*, duas interpretações são viáveis, e o contexto vai indicar qual é a adequada: (i) na interpretação específica, estou falando de uma pessoa particular, e posso nomeá-la assim: *um professor trabalha muito, o Pedro*; (ii) na interpretação não específica, estou dizendo uma coisa que vale para todos os profissionais do ensino, sejam quem forem: *aquele que é professor, esse trabalha muito*. Enquanto o indefinido pode ter essas duas leituras, a leitura do definido é sempre específica: a sentença *o professor dos meus filhos trabalha muito* só reconhece o esforço de uma pessoa em particular.

A literatura semântica examina uma série de distinções no comportamento e na interpretação dos sintagmas de determinante para classificá-los como definidos ou indefinidos. Os contrastes mais buscados nesses testes são unicidade versus não-unicidade, familiaridade vs. novidade, especificidade vs. não-especificidade. Mas como caracterizar esses contrastes numa língua de nomes nus, sem determinantes?

A língua Mebêngokrê (Macro-Jê) é uma das línguas que não contam com determinantes⁷. Em posição argumental, os sintagmas nominais são nomes nus. A referência plural ou singular, definida ou indefinida é possível a partir do mesmo nome nu, e o contexto é que resolve qual é a interpretação apropriada. Neste artigo, relataremos os resultados iniciais da busca por estratégias gramaticais que contrastem os traços de familiaridade, unicidade e especificidade nessa língua. Defenderemos que ela marca a indefinitude marcando a posição epistêmica do falante, pela escolha de uma entre várias partículas “adverbiais” de indefinitude.

⁷ Veja o trabalho pioneiro de Vieira (1995) sobre o Assurini do Trocará e sua pesquisa mais recente, em Vieira (2022). Sobre línguas indígenas e universais semânticos, veja Gomes (2015).

2. O povo e a língua Mebêngôkre (Kayapó)

A população Mebêngôkre (Kayapó) está estimada em 11.516 pessoas (IBGE, 2022), distribuídas em Terras Indígenas (TIs) localizadas nos estados do Mato Grosso e Pará. Em São Félix do Xingu (PA) há cerca de dois mil⁸ Kayapó, residentes em mais de 30 aldeias.

A língua falada pelo povo Kayapó, autodenominado Mebêngôkre, é cooficial⁹ no município desde 2019 e pertence à família linguística Jê, tronco Macro-Jê. A ordem canônica dos constituintes na sentença é Sujeito-Objeto-Verbo (SOV). Para alguns linguistas, trata-se de uma língua de alinhamento Nominativo-acusativo e Ergativo-absolutivo (Silva, 2001; Salanova, 2007); entretanto, há quem a classifique como de sistema Nominativo-absolutivo (Costa, 2015). Quanto ao tempo, apenas o futuro recebe marcação morfológica; o não-futuro (presente e passado, indistintos) é a categoria não marcada.

“Na língua Mebêngôkre (Kayapó), uma mesma sentença pode ter a leitura de passado ou presente, é o contexto que determina a referência. Além dessa característica, não há determinantes” (Mendonça Jr, 2021, p. 40).

Essa língua não marca gênero nem número no sintagma nominal, e os sintagmas nominais argumentais não precisam de determinantes; embora a língua tenha demonstrativos, não apresenta artigo definido. Como dissemos, em Mebêngôkre nomes nus ocupam posições argumentais, com várias interpretações possíveis para uma mesma sentença, e o valor correto é resolvido pelo contexto de fala. Veja o seguinte exemplo¹⁰:

- | | | | | |
|----|-----|----|----------|---------|
| 1. | Dja | ba | ngônhkrã | by |
| | F | 1 | copo | v.pegar |
- ‘Eu vou pegar o copo.’
 ‘Eu vou pegar os copos.’
 ‘Eu vou pegar um copo.’
 ‘Eu vou pegar uns copos.’

Em (1) temos uma sentença transitiva, em que o argumento nominal *ngônhkrã* pode ser interpretado no singular ou plural, definido ou indefinido. É o contexto que define o número, a definitude e a especificidade do nome. A sentença (1) foi aceita em quatro contextos:

- (i) há um copo no balcão e o falante deseja pegá-lo para beber um refrigerante que foi oferecido no momento;
- (ii) há vários copos no balcão (em uma bandeja, por exemplo) e o falante deseja pegar apenas um para beber;

⁸ Secretaria Municipal de Cultura (SEMCULT, 2021). Ver Menezes (2021)

⁹ Lei Municipal n. 571/2019. Link:

https://www.cmsaofelixdoxingu.pa.gov.br/arquivos/449/LEIS%20ORDINARIAS_571_2019_0000001.pdf

¹⁰ Glosas: 1 – Primeira pessoa singular, 3 – Terceira pessoa singular, CNT – Continuativo, CONJ1 – Conjunção (mesmo sujeito), CONJ2 (sujeitos diferentes), DEM – Demonstrativo, DIR – Diretivo, F – Futuro, QU – Quantificador, IN – Indefinido, INS – Instante, LOC – Locativo, NEG – Negação, NF – Não-futuro, num. – numeral, POSS – Posse, REC – Recente, ref. – Referencial, REF – Reflexivo, RES – Restrito, v. – Verbo, nf – não-finito, Pos – Posicional.

Identificando (in)definitude em Mebêngôkre (Kayapó)

- (iii) há dois copos no balcão e o falante deseja pegar ambos para ele e mais um amigo beberem;
- (iv) há vários copos no balcão e alguém oferece um refrigerante; o falante diz a sentença na intenção de pegar um número de copos suficiente para todos, que estão por ali no momento, beberem.

Entretanto, para uma situação em que não há nenhum copo presente no contexto, (1) **não serve, podendo então ser usada (2):**

2. Dja ba ngônhkrã ã by
F 1 copo IN v.pegar
'Eu vou pegar um (algum) copo.'
'Eu vou pegar alguns copos.'

A sentença (2) também é apropriada na situação em que o falante oferece um refrigerante a um amigo ou aos amigos, e percebe que não há copo disponível. Ele tem intenção de buscar um copo ou alguns copos no supermercado próximo e então pronuncia a sentença. Quem está por perto no momento não sabe onde há copos e então pergunta: *Nhym?* (onde?), ao que o falante responde:

3. Supermercado kam
Supermercado LOC
'No supermercado'

A partícula *ã*, em (2), gera um sentido indefinido na sentença. Um conhecimento que ainda não foi compartilhado¹¹ pelo falante. Nossa hipótese é a de que não há marcadores de definitude na língua Mebêngôkre (Kayapó),¹² uma língua em que os argumentos não requerem determinantes; entretanto, para a indefinitude, há uma série de elementos presentes nas sentenças, que marcam informações diferentes sobre o sintagma nominal¹³.

¹¹ Em uma das línguas pesquisadas pelo Grupo de Pesquisa “(In)definitude através das línguas/(In)definiteness across languages”, o Terena (família Aruák), Quadros Gomes, Julio e Borella (2021) identificaram uma divisão de trabalho entre marcadores de definitude na língua; *ne* e *ra* são distribuídos de acordo com a sua familiaridade, diferentemente das pesquisas tradicionais na literatura. No Mebêngôkre (Kayapó) há evidências sobre uma distribuição de partículas, mas no campo da indefinitude.

¹² Os demonstrativos não estão considerados nessa afirmação por dois motivos. Primeiramente, é um universal tipológico que toda língua natural tenha demonstrativos. Em segundo lugar, os demonstrativos tipicamente são dêíticos, apresentam empregos exofóricos, marcam proximidade (física ou temporal) do falante ou do *addressee* e podem recortar (com ajuda de ostensividade, ou seja, mediante apontamento) uma parte do objeto máximo presente na situação de fala. Os demonstrativos do Mebêngôkre são típicos, apresentando todas essas características. Por isso, ao afirmarmos que não há marcadores de definitude nessa língua, queremos dizer que não há outros, além dos demonstrativos, ou seja, que não há determinantes definidos. Dada a ausência absoluta de línguas naturais que atestadamente não apresentem demonstrativos, até o momento (ver Dixon, 2003), o diferencial está nos demais determinantes. Terena, por exemplo, uma língua de argumentos nus, conta com um marcador de definitude, *ne*, para além dos demonstrativos. Mas em Mebêngôkre não há quaisquer determinantes especializados em definitude, uma vez desconsiderados os demonstrativos.

¹³ Abbott (2008) explica que em línguas sem artigos “ou alguma outra forma de marcação explícita para definitude ou indefinitude, a ordem de palavras pode afetar a interpretação. Essa variação na ordem também interage com a distribuição de informações novas e antigas e pode afetar a interpretação de um SN” (tradução livre).

3. Dados coletados¹⁴

A coleta de dados em semântica requer um controle rígido do contexto de fala, para que o cenário na situação de uso da sentença seja compatível com a forma empregada, ou, inversamente, para que se verifique em que condições de emprego uma forma não é adequada. Sabemos que diversos sintagmas nominais são equivalentes em quantidade, mas nem por isso sua semântica é idêntica. Por exemplo, podemos descrever um ser humano do sexo masculino com 12 anos de várias formas: “um menino”, “aquele menino ali”, “meu filho mais novo”, “qualquer um desses meninos aí fora”, “o menino que está conversando com sua filha” etc. Obviamente, apesar de todos os sintagmas nominais compartilharem um fator, a saber, que a quantidade de indivíduos a que se faz referência ser sempre unitária, há outros significados que não são compartilhados. “Um menino” pode ser aquele ou algum outro, é indiferente; mas “o menino” tem de ser o único saliente na situação de fala, ou num recorte proeminente dela; “aquele menino ali” tem de ser o menino para o qual estou apontando, com o dedo, o olhar e/ou com algum gesto; etc.

Uma das características que distingue o demonstrativo do artigo definido é a possibilidade de destacar um elemento num conjunto de indivíduos com as mesmas propriedades descritas pelo nome. Por exemplo, num contexto em que há uma planta toda florida, “pegar as flores” significaria apanhar todas elas, deixando o arbusto sem flor; “pegar a flor” seria um comando difícil de atender, visto que a pressuposição de unicidade do artigo definido singular não é satisfeita num contexto que há diversas flores; já “pegar aquela flor”, acompanhada de ostensão (apontando para uma flor específica, ou tornando alguma das flores saliente no contexto de fala), funciona, retornando, no atendimento ao pedido, a entrega de uma única flor entre todas as do arbusto. Há também a possibilidade de pedir uma flor não específica, como diríamos em português com “me traga uma flor”, “me traga alguma flor” ou “me traga qualquer flor (daquelas ali)”.

Pires de Oliveira (2021) destaca que o sistema nominal do PB entrou para o circuito internacional ao desafiar o parâmetro do nome em Chierchia (1998) e do número em Chierchia (2010, 2014). Para além do PB, ela afirma que os estudos sobre as línguas indígenas brasileiras são cruciais para compreensão dos sintagmas nominais e que descobertas, como o caso do Yudja¹⁵, chamaram a atenção no exterior. Entretanto, no campo da semântica, os estudos ainda são recentes e, diferentemente de outras áreas da linguística, trazem um desafio metodológico distinto no trabalho de campo:

O pesquisador de campo tenta estabelecer fatos semânticos que muitas vezes são bastante sutis e altamente dependentes do contexto. As propriedades semânticas sob investigação, muitas vezes, não são conscientemente acessíveis aos falantes e não são necessariamente refletidas nas traduções para outro idioma. Ao contrário de outras áreas da linguística, os dados linguísticos coletados geralmente não contêm informações diretas sobre semântica. Por exemplo, a maioria dos enunciados de falantes nativos fornece algumas informações

¹⁴ Esta pesquisa foi aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) em 10 de agosto de 2022, sob o parecer n. 5.567.563. CAAE. 53320 021.4.0000.5286.

¹⁵ O Yudja conta massa diretamente. Veja Lima (2014).

Identificando (in)definitude em Mebêngôkre (Kayapó)

positivas sobre fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, simplesmente apresentando exemplares de construções gramaticais bem formadas. Mas o mesmo não se aplica à semântica. Um enunciado semanticamente bem formado, mesmo que acompanhado de uma tradução ou um contexto de discurso, fornece ao pesquisador pistas muito incompletas sobre o que a expressão realmente significa. (tradução livre) (Bochnak; Matthewson, 2015, p. 2)

Nessa pesquisa, utilizamos como método “a elicitación controlada, a partir de critérios propostos por Dayal (2026¹⁶) e aplicados nos estudos com línguas indígenas por Matthewson (2004) e Sanchez-Mendes (2014)” (Mendonça Junior e Gomes, 2022, p. 1).

A língua Mebêngôkre (Kayapó) apresenta características que constituem um desafio para a coleta de dados. Não há flexão de número nos nomes; um SN pode ser interpretado como singular ou plural e não requer, em posição argumental, a presença de um determinante. Veja, por exemplo:

4. Dja ba on pidjôã o tẽ
 F 1 INS flor CNT v.ir
 ‘Eu vou levar a flor agora.’
 ‘Eu vou levar as flores agora.’

A sentença (4) não é marcada para número nominal e, assim, pode ser utilizada em dois contextos diferentes: (i) há apenas uma flor em cima da mesa; o falante olha para ela e decide levá-la; (ii) há várias flores, da mesma cor e forma, sobre a mesa; o falante olha para elas e decide levá-las. O nome *pidjôã* faz referência a uma flor saliente no contexto ou a várias flores presentes na situação no momento da fala. No entanto, se o falante observa um conjunto de flores e decide escolher uma entre as várias disponíveis, ele utiliza a partícula *õ*.

5. Dja ba pidjôã wã mã õ by
 F 1 flor DEM DIR IN v.pegar
 ‘Eu vou pegar uma flor qualquer entre aquelas.’

No exemplo (5), a combinação das informações semânticas dadas pelo demonstrativo *wã* ‘aquela’ com as fornecidas pela partícula individuadora *õ* cria um significado que lembra um partitivo como “uma delas” em português; porém, *õ* traz ainda a informação de que a escolha de uma flor entre as várias disponíveis é aleatória, ou sujeita à livre escolha, operação que em português é realizada por ‘qualquer’. Optamos pela tradução “uma flor qualquer entre aquelas”, mas poderíamos ter escolhido “qualquer uma dessas flores” ou “qualquer dessas flores aí”. A nosso ver, em termos semânticos, temos um conjunto de flores referido, no todo ou em parte, pelo demonstrativo (e isso, que possa ser no todo em parte, tal indeterminação ou não-maximalidade, **é importante, pois o artigo definido, por exemplo, não pode apontar para** apenas uma parte do conjunto de flores presente na situação; “as flores” apontaria necessariamente para o total das flores à vista), mas a combinação com a partícula individuadora diz que apenas um elemento entre os outros será apanhado. Qual elemento? Não se sabe.

¹⁶ Essa obra já saiu publicada. Está como Dayal (2026) nas referências.

A identidade do elemento não está estabelecida nem para o falante nem para o ouvinte, no momento do proferimento de (5), embora o número esteja (o anúncio é de que exatamente uma flor entre as demais será pega). O resultado dessa combinatória de operações é **uma expressão indefinida, como seria o partitivo “qualquer um deles” em PB**. Observa-se, porém, uma grande diferença categorial: “qualquer um deles” é um sintagma nominal no PB, mas, embora seja defensável que *wã* ‘aquela’ em isolamento seja uma expressão nominal, não se pode analisar a partícula individuadora *õ* como da categoria nominal; tudo indica que ela seja um A-quantificador (adverbial e/ou aspectual), formando um constituinte com o verbo *by* ‘pegar’ (ver Mendonça Junior 2021). Logo, em nossa análise, não temos em (5) um constituinte (nominal) formado como *wã* ‘*õ*’, e sim a soma de duas operações, uma deflagrada por uma categoria nominal (*wã*) e outra deflagrada por uma categoria adverbial ou aspectual (*õ*). E o resultado semântico é **uma referência indefinida, a qualquer elemento unitário (qualquer flor) componente de determinado conjunto (todas as flores ou parte da soma total de flores presentes na situação relevante)**.

A língua Mebêngôkre oferece recursos (os indefinidos) para o falante também destacar um elemento desejado dentro de um conjunto (6) ou indicar que quer a totalidade dos disponíveis no contexto (7):

- | | | | | | | |
|----|---------------------------------------|----|--------------|--------------|------------|---------|
| 6. | Dja | ba | pidjôkangô | pydji | bit | by |
| | F | 1 | refrigerante | 1 num. | único | v.pegar |
| | ‘Eu vou pegar um refrigerante só.’ | | | | | |
| | | | | | | |
| 7. | Dja | ba | pidjôkangô | kunĩ | | by |
| | F | 1 | refrigerante | todos | | v.pegar |
| | ‘Eu vou pegar todos os refrigerantes’ | | | | | |

Mesmo línguas que aceitam nominais nus em posição argumental contam com demonstrativos, e o Mebêngôkre não é diferente. A função de um demonstrativo é destacar um elemento desejado dentro de um conjunto (5) ou indicar que quer a totalidade dos disponíveis no contexto (7), mas não se espera que um demonstrativo seja empregado para se referir a elementos únicos numa situação, como “o sol no céu”, ou “o presidente eleito no país”. De fato, a distribuição de *wã* pelos cenários da nossa elicitación mostra que ele é um demonstrativo bem-comportado:

- | | | | | | |
|----|-------------------------------|----|--------------------|-----------|----------------------|
| 8. | Jakam | ne | aringro | | tỳx::: ¹⁷ |
| | hoje | NF | Sol (dia de calor) | | forte |
| | ‘O Sol está forte hoje’ | | | | |
| | | | | | |
| 9. | *Jakam | ne | aringro | wã | tỳx::: |
| | hoje | NF | Sol (dia de calor) | DEM | forte |
| | *‘Aquele sol está forte hoje’ | | | | |

¹⁷ ::: alongamento na pronúncia para enfatizar intensidade.

Identificando (in)definitude em Mebêngôkre (Kayapó)

10. Pyka kunĩ nhõ bĕnjadjwỳr ne jakam reunião nh-ipêx
Terra todos POSS presidente NF hoje reunião 3-v.fazer
'O presidente da nação Kayapó fez uma reunião hoje.'
11. *Pyka kunĩ nhõ bĕnjadjwỳr wã ne jakam reunião nh-ipêx
Terra todos POSS presidente DEM NF hoje reunião 3-v.fazer
*'Aquele presidente da nação Kayapó fez uma reunião hoje.'

Verifica-se em (8) e (10) que o nome *nu*, em Mebêngôkre, pode fazer referência a um objeto único no mundo ou domínio, como o sol ou o presidente, diferentemente do que se observa em línguas como o PB (*'Sol está forte hoje'), mas que os demonstrativos do Mebêngôkre não podem fazer isso, tal como se observa em demonstrativos de outras línguas, inclusive no PB.

Uma diferença apontada na literatura para a interpretação de expressões nominais definidas e indefinidas é a capacidade de fazer referência a indivíduos distintos, quando empregada mais de uma vez numa mesma sentença. Os definidos retomam necessariamente o mesmo indivíduo, gerando contradição em contextos com propriedades contrárias, como "a cidade fica no Brasil e a cidade fica fora do Brasil", mas os indefinidos não, por permitirem a cada emprego a referência a um indivíduo distinto, como em "Uma cidade (Uberaba) fica no Brasil e uma cidade (Montevidéu) fica fora do Brasil". Demonstrativos também podem apontar para indivíduos diferentes, desde que a segunda vez em que aparecem na sentença seja acompanhada de uma sinalização ostensiva ou de uma pronúncia mais acentuada, para distinguir os referentes. Também em Mebêngôkre verificamos, usando nomes próprios, que sentenças coordenadas com informações contraditórias são boas com referentes distintos (12), mas não com o mesmo referente participando de ambas as ações (13). O demonstrativo, com ênfase na pronúncia da segunda aparição e a adição do termo *'ôdjwỳ* (outro), foi feliz nesse contexto (14).

12. **Junior** ne òt o nhõ nhym **Pawi** arỳm prõt
Junior NF v.dormir nf Ins. Pos. deitado CONJ2 Pawi REC v.correr
'Junior estava dormindo enquanto Pawi já estava correndo.'
13. ***Junior** ne òt o nhõ ne **Junior** arỳm prõt
Junior NF v.dormir nf Ins. Pos. deitado CONJ1 Junior REC v.correr
*'Junior estava dormindo enquanto Junior já estava correndo.'
14. Ropre wã ne òt o nhõ nhym kam ropre wã 'ôdjwỳ prõt
Cachorro DEM NF v.dormir nf Ins. Pos. deitado CONJ2 LOC cachorro DEM outro v.correr
'Aquele cachorro estava dormindo enquanto aquele cachorro estava correndo.'

Se *'ôdjwỳ* 'outro' for retirado de (14), a sentença com o demonstrativo, na ausência de ostensão ou entonação marcada (foco?) se tornará contraditória, tal como (13), pois ambas as expressões estarão remetendo ao mesmo cachorro. Vale observar ainda que, embora estejamos traduzindo *'ôdjwỳ* por 'outro', não estamos certos de que *'ôdjwỳ* seja de categoria nominal.

Uma outra questão investigada na elicitación foi o tipo de expressão nominal que pode fazer referência à espécie em sentenças genéricas. O nome nu, nas sentenças de (15) a (19), fala das espécies *ropkrori* (onça), *Ngĩjadjy* (veado), *angrô* (porcão) e *kukryt* (anta), e não de indivíduos específicos:

15. **Ropkrori** ne kute tu mry ò krê
Onça NF 3ref qualquer carne IN v.comer
'Onça come qualquer carne'
16. **Ropkrori** ne àkrê
Onça NF feroz
'Veado é manso.'
17. **Ngĩjadjy** ne uwabô
Veado NF manso
'Veado é manso.'
18. **Angrô** ne ku-bê mry dj-àkrê
Porcão NF 3-essivo animal 3-feroz
'O porcão é um animal feroz.'
19. **Kukryt** ne kwỳ kam àkrê
Anta NF QU LOC feroz
'Anta é raramente perigosa.'

O nome nu do exemplo (20) fala de representantes (em número indefinido), de instanciações da espécie *krwỳt* (traíra); assim como o nome nu em (21) fala de instanciações da espécie *kajre* (coelho); para falar de um indivíduo em particular, é preciso usar o demonstrativo, como em (22), ou um nome próprio, como em (23), ou um quantificador universal, como em (24):

20. **Krwỳt** ne 'ã ngô-ngrà kam ty
Traíra NF durante rio-seco LOC v. morrer
'Morreu traíra durante a seca do rio.'
21. **Kajre** ne na kunĩ kôt ty
Coelho NF chuva todo CNT v.morrer
'Morreu coelho o inverno inteiro.'
22. **Ropkrori** **jã** ne àkrê
Onça DEM NF feroz
'Essa onça é feroz.'
23. Pi'òk ne ba mesa 'ã kudji nhym kam **Irekuniti** kute omũnh kêt
Livro NF 1 mesa em cima CONJ2 LOC Irekuniti 3ref. v. ver NEG
'A Irekuniti não viu um livro que eu deixei na mesa.'

Identificando (in)definitude em Mebêngôkre (Kayapó)

24. Pi'ôk jarênh djwýnh **kunĩ** pi'ôk matemática **kunĩ** jarênh
 Aluno todo livro matemática todo v.ler
 'Todo aluno leu todo livro sobre matemática.'

Esses dados são muito interessantes, visto que em português é consenso que a referência a espécie pode ser feita com uma descrição definida singular ('O pau-brasil produz uma tinta vermelha') mas não com a descrição indefinida (#'Um pau-brasil produz uma tinta vermelha'); e é controverso se o nome nu pode ou não fazer referência a espécie ('Dinossauro está em extinção' é dado como adequado por alguns linguistas, e como inadequado por outros).

Em Mebêngôkre, a genericidade da sentença pode ser confirmada pelo não licenciamento do numeral *pydji* (um), na descrição do predicado *uwabô* (manso), quando aplicado a todos os indivíduos da espécie (25). Em outro teste, a partícula *õ* é aceita em Mebêngôkre para referência a qualquer um da espécie (26).

25. *Ngĩjadjy **pydji** ne uwabô
 Veado um num. NF manso
 *'Um veado é manso.'
26. Ngĩjadjy **õ** ne uwabô
 Veado IN NF manso
 'Qualquer veado é manso.'

Já o quantificador universal como *kunĩ* (todos) pode ser utilizado para descrever todos os indivíduos da espécie (27).

27. Ngĩjadjy **kunĩ** ne uwabô
 Veado todo NF manso
 'Todo veado é manso.'

Os dados são resultados de eliciações iniciais na língua. Essa é uma pesquisa em andamento e as análises preliminares demonstram que não há marcadores de definitude na língua-alvo; porém, alguns marcadores de indefinitude foram identificados; resta compreender a sua distribuição e se a natureza é evidencial ou epistêmica, como alguns dados apontam.

4. Conclusão

Mesmo línguas sem determinantes apresentam estratégias para marcar alguns contrastes entre interpretações nominais. No caso do Mebêngokrê, língua que não tem marcação morfológica de número nominal (não tem um morfema de plural ou de singular) e que não conta com artigos ou determinantes definidos, verificamos a existência de demonstrativos, de um quantificador universal (como 'todo' em português) e de marcadores de indefinitude diversificados. Há pelo menos uma

partícula indefinida especializada em indicar a escolha de um indivíduo destacado dentre outros semelhantes num conjunto, e uma que indica unicidade, mas com indiferença pela escolha de um indivíduo específico dentre um grupo de objetos semelhantes. Vale também lembrar a contradição observada em Mebêngokrê quando o referente de um mesmo nome próprio é descrito como em ações simultaneamente conflitantes (João está acordado agora e João está dormindo agora); mas, quando a referência é feita com o demonstrativo, diferenciando a entonação ou com ostensão, não há contradição, assim como também é eliminada a contradição em presença da partícula 'ôdjwý 'outro'. O demonstrativo não pode ser empregado para objetos únicos na situação, como o sol no céu ou o presidente da nação. Concluimos, pois, que a língua Mebêngokrê não conta com expressões nominais definidas (como artigos definidos), mas conta com quantificadores universais, demonstrativos bem comportados e diversos indefinidos especializados. Esta pesquisa está em andamento, e esperamos encontrar novos indefinidos, bem como entender melhor a especialização de cada um deles em breve.

Referências

- ABBOTT, Barbara. Definiteness and indefiniteness. In: *The Handbook of Pragmatics*. pp. 122-149. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229627824_Definiteness_and_Indefiniteness. Acesso em: 05 mar. 2023.
- BOCHNAK, M. Ryan; MATTHEWSON, Lisa. (eds). *Methodologies in Semantic Fieldwork* (New York, 2015; online edn, Oxford Academic, 22 jan. 2015). DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190212339.001.0001>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- CHIERCHIA, G. Reference to Kinds across Languages. *Natural Language and Semantics*, v. 6, pp. 339-405. 1998.
- CHIERCHIA, G. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese*, v. 174, pp. 99-149, 2010.
- CHIERCHIA, G. Mass vs. Count: Where do we stand? Outline of a theory of semantic variation. In: KISS, T; PELLETIER, J; HUSIC, H (eds.) *Things and Stuff: The Semantics of the Count-Mass Distinction*. Cambridge UK: Cambridge University Press, 2021. pp. 21-54.
- COSTA, Lucivaldo Silva da. *Uma descrição gramatical da língua Xikrin do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)*. (Doctoral dissertation, Universidade de Brasília; 359pp.), 2015.
- DAYAL, V. Number marking and (in)definiteness in kind terms. *Linguistics and Philosophy*, v. 27, pp. 393-450. 2004.
- DAYAL, Veneeta (ed.). *The Open Handbook of (In)definiteness: a hitchhiker's guide to interpreting bare arguments*. Cambridge, MA: MIT Press, 2026.
- DIXON, Robert MW. Demonstratives: A cross-linguistic typology. *Studies in Language*. International Journal sponsored by the Foundation. *Foundations of Language*, v. 27, n. 1, pp. 61-112, 2003.
- GOMES, A. Q. Línguas Indígenas Brasileiras: O novo campo de provas dos universais linguísticos. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, SP, v. 15, n. 1, pp. 149-165, 2015. DOI: <https://doi.org/10.20396/liames.v15i1.8641500>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8641500>. Acesso em: 19 mar. 2023.

Identificando (in)definitude em Mebêngôkre (Kayapó)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Povos Indígenas no Brasil: quem são?* Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/brasil-indigena/>. Acesso em: 31 mar. 2026.

LIMA, Suzi. *The grammar of individuation and counting*. Tese de Doutorado, Universidade de Massachusetts, Amherst. 2014.

MATTHEWSON, Lisa. On the methodology of semantic fieldwork. *International journal of American linguistics*, v. 70, n. 4, pp. 369-415, 2004.

MENEZES, Claudiane da Silva. Censo das aldeias 2021. In: *São Félix do Xingu-PA*. Secretaria Municipal de Cultura (SEMCULT), 2021.

MENDONÇA JUNIOR, Clédson. *Aspecto Lexical na Língua Mebêngôkre (Kayapó): estudo com indígenas em trânsito pela cidade de São Félix do Xingu - PA*. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MENDONÇA JUNIOR, Clédson; QUADROS GOMES, Ana Paula. *(In)Definitude: um estudo com falantes de Mebêngôkre (Kayapó) sob a perspectiva da Semântica Formal*. Seminário de Pesquisas Linguísticas em Andamento (SEPLA), 2022, no prelo.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Uma história dos nominais nus: o português brasileiro e as línguas indígenas brasileiras. *Revista Letras*, [S.l.], v. 104, n. 1, dez. 2021. ISSN 2236-0999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/84134>. Acesso em: 20 fev. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5380/rel.v104i1.84134>.

QUADROS GOMES, A. P.; JULIO, A.; BORELLA, C. de C. Terena: uma língua de nomes nus que conta com dois artigos definidos. *Cadernos do IL*, [S. l.], n. 63, pp. 146-157, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/128512>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SALANOVA, Andrés Pablo. *Nominalizations and aspect*. 2007. Dissertation (Doctorate in Linguistics) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 2007.

SANCHEZ-MENDES, Luciana. *Trabalho de campo para análise linguística em semântica formal*. Revista Letras, v. 90, n. 2, 2014.

SILVA, Maria Amélia Reis. *Pronomes, Ordem e Ergatividade em Mebengokre (Kayapó)*. 2001. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

VIEIRA, Marcia Damaso. The expression of quantificational notions in Asurini do Trocará: Evidence against the universality of determiner quantification. In: BACH, Emmon *et al.* (eds.). *Quantification in natural languages*. Studies in Linguistics and Philosophy, v. 54. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1995. pp. 701-720

VIEIRA, Marcia Damaso. Quantificadores adverbiais em Asurini do Trocará, Tupinambá e Guarani Mbyá (família Tupi-Guarani). *Revista Linguística*, v. 17, n. 1, pp. 78-114, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2021.v17n1a54084>.